

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIANA VILLALVA

VIDA, MEMÓRIA E REFLEXÃO

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIANA VILLALVA

VIDA, MEMÓRIA E REFLEXÃO

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS
2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

V711m Villalva, Mariana.
Memorial de Formação : vida, memória e reflexão / Mariana Villalva. – Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-211-BFE

Aos meus pais Abelardo
Villalva Filho e Maria José
Zonzini Villalva, meu noivo
Paulo José da Silva Junior.

AGRADECIMENTOS

A Deus e à minha família, meu pai, Abelardo, minha mãe, Maria José, minhas irmãs Juliana e Amanda, meu noivo, Paulo José.

A Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Ao curso de Pedagogia.

Ao orientador Carlos Miranda.

Aos professores, Ieda, Solange, Luciane Vilela, Rosarinho, Ângela Amaro, Maura, Odair, Luciane Teston, Daniela, Simone Cleuse, Roselene, Maristela, Elaine, Alexandra, Simone Pinto.

Aos colegas da Turma D.

APRESENTAÇÃO

O presente memorial traz em seu conteúdo fatos, acontecimentos, momentos, reflexões, memórias e relatos vividos durante o curso de formação, a minha vida pessoal e profissional.

Foram necessárias diversas leituras e inúmeros textos foram retomados, com o intuito de ser registrado o verdadeiro sentimento de se redigir as memórias, as transformações, no sentido da busca de um novo olhar que possa proporcionar mudança de postura e de conceitos.

Trata-se de uma retomada articulada da trajetória não só acadêmica, mas também profissional, onde foi iniciada uma tentativa de se buscar o velho, analisá-lo, transformá-lo para que saia do monólogo e se torne algo resignificado e recriado.

A pretensão é a de se criar um retrato crítico da minha formação, enquanto ser humano, profissional e academicista; retrato este visto por múltiplas facetas através dos tempos, o qual possibilita que sejam feitas inferências, a partir da visão adquirida ao longo da formação.

Busca-se o registro, não só do fazer pedagógico, mas fazendo dele um poderoso instrumento na construção da consciência pedagógica a política enquanto educadora.

Quando registramos, tentamos guardar, prender fragmentos do tempo vivido que nos é significativo, para mantê-lo vivo. Não somente como lembranças, mas como registro de parte da nossa história, nossa memória. Através desses registros, construímos nossa memória pessoal, enfim, fazemos história, a fim de que nos possibilite rever nossa ação e melhor apreendê-la.

O objetivo deste memorial é o de escrever para desenvolver a capacidade reflexiva sobre o que se sabe e o que ainda não está dominado.

Foram mencionadas citações, estabelecidas relações entre as diversas disciplinas do curso com a minha prática, apontados textos, os quais julguei importantes e necessários destacar, a fim de que remetesse o leitor ao trajeto que foi percorrido, e que acredito ter sido muito significativo e ter feito toda a diferença na minha visão de homem, escola, educação e mundo.

Percebo que hoje, leio mais, me questiono mais, pesquiso mais, pois sinto esta necessidade de querer crescer cada vez mais.

E foi embasada nesse meu percurso do curso de formação que adquiri novas maneiras de olhar o outro, a minha prática, e tudo aquilo que está a minha volta, acerca do meu trabalho e da minha vida.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
A Infância.....	11
A visão da escola.....	14
O Magistério/ Mercado de trabalho.....	16
Um novo olhar	18
O professor.....	23
A universidade.....	26
Considerações Finais.....	31
Anexo.....	33
Referências Bibliográficas.....	35

INTRODUÇÃO

Para iniciar este memorial, minha idéia inicial foi a de buscar palavras e autores que pudessem me auxiliar nesta tarefa de escrever minhas memórias.

Eis que nas falas de alguns escritores e autores, fui tentando organizar meus pensamentos e o que realmente acreditava que seria relevante registrar.

E não me esquecer, ao começar o trabalho de me prepara para errar.

Não esquecer que o erro muitas vezes se havia tornado meu caminho.

Todas às vezes em que não dava certo o que eu pensava ou sentia – é que se fazia enfim uma brecha, e, se antes eu tivesse tido coragem, já teria entrado por ela. Mas eu sempre tivera medo do delírio e erro.

Meu erro, no entanto, devia ser o caminho de uma verdade, pois quando erro é que saio do que entendo.

Se a “verdade” fosse aquilo que posso entender, terminaria sendo apenas uma verdade pequena do meu caminho.

Clarice Lispector

[...] O que é peculiar ao gênero literário das memórias é que a reconquista do vivido não é somente um trabalho de restauração, mas sobretudo um esforço de renovação...

Afonso Arinos de Melo Franco

In A alma do tempo

De acordo com Benjamin (1987a), para escapar da barbárie e do isolamento, é preciso estabelecer outra relação com a tradição e a cultura, o que acentua a importância da rememoração. Rever o passado permite colocar o presente numa situação crítica e mesmo mudar o futuro. Pela rememoração, na linguagem e na narrativa, resgata-se o poder de ser no presente, no passado e no futuro, tecendo a história, não mais como cronologia, mas como processo de recriação do significado.

“...Rever o passado permite colocar o presente numa situação crítica...”

É com base nesta citação em especial, que tento, através do que pensava buscar novas significações e olhar o Hoje, com olhos mais sensíveis e renovados para tecer a minha história num processo de recriação do significado. Se rememoração é construção do conhecimento, logo são necessários alguns elementos para que nossa história vá se constituindo segundo momentos especiais, vividos no curso de formação.

Eis que aos poucos, fui acumulando minhas memórias no “baú do conhecimento”:

- Teóricos/autores: Demerval Saviani, Walter Benjamin, Karl Marx, Philippe Ariès.
- Músicas: Tocando em Frente (Almir Sater); Epitáfio (Titãs); Construção (Chico Buarque).
- Atitudes: “Refletir mais, tendo em vista as leituras e textos estudados”
- Objetos: Retroprojektor, Computador, livros, caderno.
- Acontecimentos: Semanas da Pedagogia, Curta Metragem.
- Pessoas: As assistentes pedagógicas e todas que, de alguma forma, cruzaram o meu caminho.
- Discussões: A visão neoliberal, o lugar da infância na modernidade.
- Fatos: A construção de uma maquete (planta baixa, do espaço melhorado de um berçário).
- Lugares: Sala LL02, Salão Nobre, Informática.
- Leituras/ textos: “Documento de identidade” (Tomaz Tadeu da Silva), “O mito do amor materno” (Elizabeth Badinter)
- Filmes: “Mr. Holland, Adorável Professor”, “Narradores de Javé”
- Aulas: Psicologia, História, Língua Portuguesa, Tecnologia e Aulas Magnas.

- Melhor momento: Entrar na universidade.
- Pior momento: Não houve.
- Lembrança recente: O memorial.

“O que diferencia o homem do animal é o exercício do registro da memória humana”.

(Vygotsky)

A INFÂNCIA

Narrar as memórias de nossa vida, não é algo fácil, muito pelo contrário, requer esforços e dedicação, afinal, segundo Bosi (1995) “A memória não é sonho, é trabalho”. Trabalho no sentido de reviver, refazer, reconstruir, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado.

Ao nos remetermos ao passado, sentimos que temos um árduo desafio a enfrentar, pois o processo de rememoração nos possibilita refletir sobre nós mesmos, nossa história particular, nosso percurso de vida.

Refletir sobre as experiências vividas, onde outrora não foi possível construir conhecimentos, mas que agora precisam ser retomadas, de maneira a nos fazer melhorar ou transformar aquilo que parecia irrelevante e agora faz sentido.

Identifico-me com a fala de Maria Isaura Pereira de Queiroz quando relata o seguinte em suas memórias: “Quando me perguntam, porém, como aprendi a ler, quais os métodos, quais as regras, não posso responder porque não guardo a menor lembrança.” [...]

Muitas coisas em minha infância eu não me recordo, pois penso que muitas vezes, nossa memória é falha, mas isso não significa que não tenha sido bom, muito pelo contrário, segundo os relatos e conversas com meus pais e minhas irmãs tivemos uma infância alegre e saudável, como toda criança merece ter, diferentemente dos estudos feitos na disciplina de Educação da Criança de 0 a 6 anos, onde a criança da sociedade medieval, não recebia respeito e atenção, a família não tinha função afetiva, tão pouco assegurava a socialização da criança. O sentimento de infância não existia; apenas no século XVIII, passou-se a ter um respeito cada vez mais exigente pela vida da criança.

Lembro-me de algumas coisas gostosas, como ter feito balé dos quatro aos oito anos. A professora não era tão jovem, exigia nossa disciplina e silêncio nas aulas, mesmo assim, era um prazer estar no palco, equilibrando e fazendo dos movimentos, um aprendizado para o corpo e para a alma.

Logo em seguida fui fazer natação, até os quinze anos. Ah! Como sinto saudades daquela época... Os professores Pedro e Ricardo eram sensacionais. Pedro era mais rígido, sério, bravo, mas quando terminava a aula, era brincalhão, amigo e engraçado. Ricardo era tranquilo, paciente, mas também exigia que nos esforçássemos ao máximo. Ambos formavam uma química perfeita.

Tudo o que aprendi na natação, guardo na memória e no coração: os movimentos na água, os nados, os professores... Havia regras e disciplina, mas tudo era muito prazeroso, pois havia respeito e diálogo. Minha mãe fazia questão de participar de algumas aulas e os professores gostavam da visita dela e de outras mães também, pois achavam importante esse contato e interesse; e o Pedro tinha orgulho de mostrar o quanto ele ensinava, e como nós aprendíamos.

Sempre realizei atividades fora da escola: balé, natação, ginástica, aula de Inglês, de pintura, basquete, vôlei e paralelo a isso, a escola era a minha grande paixão.

A professora da Educação Infantil, Eneida, foi a pessoa mais meiga e carinhosa que já conheci. A paciência com que lidava com as crianças era de uma beleza sem fim. Ensinou-me a escrever o nome e a sentir o gosto pelo mundo da leitura. Ouvi-la contando histórias era um prazer imenso, mas não fui alfabetizada durante esse período e sim na primeira série; porém não me recordo da professora e de fatos deste período. Recordo-me apenas da cartilha que estudei: Alegria do Saber, com o palhacinho na capa.

Minha mãe conta que sempre fui ótima aluna, muito caprichosa e educada, não dava “problemas” na escola.

Faz me lembrar da infância e da adolescência: os brinquedos - lindas bonecas de todos os tipos e marcas -, a bicicleta vermelha “Ipaneminha”, os jogos, o “Atari” – vídeo game -, as brincadeiras como amarelinha, escolinha, mamãe da rua, barra manteiga, pega-pega, esconde-esconde, pula-elástico, stop... As amigas, os trabalhos de escola na casa delas, a 1ª Comunhão, o Crisma, os festivais, os campeonatos de vôlei, os passeios a praia com meus pais, as minhas roupas, os meus materiais, os “papéis de carta”, os passeios que a escola promovia para o zoológico, bosque, parques e excursões, os desfiles cívicos na cidade, festas na escola, a companhia constante dos meus pais e das minhas irmãs, o gosto da sopa de macarrão da escola, as paqueras e o sonho de ser feliz.

A tarefa de escrever um memorial não significa somente trazer informações sobre nossa história, mas sim estimular em todos que delas sentem-se parte integrante, o despertar de outras histórias, para que se produzam outros sentidos, outras relações, outros conhecimentos.

Em conversa com a minha mãe sobre memorial, escola, crianças, ela se lembrou de como foi alfabetizada. Minha tia era professora primária e minha mãe aprendeu a ler com a irmã.

O texto que ela mais se recorda é “A pata nada”. Ela “lia” como se soubesse ler mesmo, porém mal decodificava as letras. Ela me conta que aquelas letras não faziam o menor sentido, era tudo muito distante do seu contexto, ou seja, aquele conteúdo era totalmente desconexo, palavras soltas que nada significavam.

É claro que aos poucos ela foi sendo alfabetizada e o mundo das letras foi se tornando algo muito divertido e gostoso de ser descoberto.

A VISÃO DA ESCOLA

A estrutura da escola não sofreu modificações, ela foi construída para uma classe homogênea, para uma sociedade elitizada na década de 60 que não evoluiu conforme as transformações sócio culturais. Não existem hoje, salas de aula homogêneas; esse desejo está longe de ser realizado, pois a sociedade é outra, e não aquela dos anos sessenta, aonde a criança ia para a escola com uma boa educação e formação moral, além das disciplinas tradicionais havia também aula de religião e canto. A escola ensinava e o aluno aprendia, a disciplina era imposta e não contestada, as famílias eram bem estruturadas e foi nesse contexto que eu cresci, ou seja, em plena harmonia na família e na escola.

Atualmente, pode-se dizer que os valores se perderam ou são inexistentes, pois eles não podem ser construídos sem que haja uma base forte, que dê sustentação para uma formação sólida e permanente.

Como exigir de nossos alunos disciplina, se esta questão está tão longe do meio em que vivem? Não têm limites, a maioria dos pais é ausente e pouco se importa com a educação que seus filhos recebem. As ruas, a mídia, são os maiores atrativos, a escola não promove o conhecimento que eles querem aprender.

Ficar na escola exige tempo demais, e por quê freqüentá-la se existem outros meios de se aprender?

Infelizmente, nós professores, ainda não estamos preparados para lidar com essa nova sociedade, onde os valores estão invertidos, ou simplesmente não fazem parte da clientela com a qual trabalhamos, porém o que nunca devemos perder, é a esperança que faz questão de alimentar nossas práticas.

Quanto à questão disciplinar, impor aos alunos que sejam todos “bem comportados”, iguaizinhos, como se fossem soldadinhos de chumbo e querer

controlar as suas vidas, é algo simplesmente impossível de se conseguir, pois temos conosco que os nossos valores são os corretos e verdadeiros, e como adequá-los ao contexto dos nossos alunos se os valores deles são outros?

O MAGISTÉRIO/ MERCADO DE TRABALHO

Concluir o primeiro grau aos 14 anos, em escola pública, onde fui alfabetizada nos moldes tradicionais e também onde estabeleci grandes laços de amizade que permanecem até hoje, foi uma etapa conquistada, sobretudo, devido ao meu esforço e incentivo dos meus pais.

Quando somos crianças, não entendemos bem certas coisas, sabemos que temos que fazê-las, talvez devido ao fato de termos que sobreviver numa sociedade regrada e disciplinada, que molda o indivíduo conforme seus preceitos e moldes.

Fui uma criança saudável, vivi intensamente cada fase de minha infância e, posteriormente, da adolescência.

O conceito de família nuclear, sempre foi muito presente na minha vida. Meus pais, minhas irmãs e eu sempre fomos muito unidos, até hoje, mas acredito que isso só foi e é possível, devido ao sentimento de afetividade construído ao longo dos anos, sentimento este, que deveria prevalecer em toda relação professor/ aluno.

Posso resumir o primeiro grau da minha vida escolar, a minha infância e adolescência, em algumas passagens como: vivência em família, tempo de brincar, a questão da moral e dos bons costumes, uso do uniforme, disciplina e silêncio na sala de aula, aluna das melhores notas, passeios com a família, participação ativa na vida social, obediência, respeito, atenção, carinho... saudade. Saudade de ser criança, de um tempo gostoso que não volta mais.

Os anos passaram e, então, com quinze anos, ingressei no magistério.

Minha mãe conte que seguir a carreira de professora era o melhor a ser feito, pois assim que me formasse, já estaria com o emprego.

Apostei no seu conselho e em 1994, com 18 anos, me formei.

Comecei a trabalhar um ano depois, numa escola infantil particular, onde lecionei por dois anos.

Logo em seguida prestei concurso e, em 1996, fui admitida na Prefeitura Municipal de Santo Antonio de Posse, onde moro e trabalho até hoje, porém atualmente estou afastada devido ao cargo na coordenação pedagógica de primeira a quarta série que estou ocupando na rede municipal de Jaguariúna, onde também sou concursada e fui admitida em 2002.

Confesso que o magistério não foi o melhor curso que já fiz, não me arrependo, foi bom, embora tenha aprendido pouco, talvez por conta da minha imaturidade. Acho que poderia ter aproveitado mais, porém ainda não estava pronta para encarar e me aventurar no fascinante e complicado mundo da educação, só fui me dar conta disso, ao entrar no mercado de trabalho e a vivenciar o trabalho com as crianças na escola.

Estou há dez anos trabalhando na educação diretamente com crianças; amo o que faço, sou feliz na minha profissão e quero aprender sempre mais.

UM NOVO OLHAR

As vivências do passado, ao nos remetermos a elas, nos suscitam outras aprendizagens que hoje, só me fazem sentido, devido a uma nova visão, um novo olhar que adquiri ao longo do curso de formação e da própria prática na escola.

A grande maioria dos professores, acredito, que foi alfabetizada através do modelo tradicional e utiliza o mesmo em sua prática pedagógica, onde a escrita é reflexo da linguagem oral, a tarefa é decodificar um código, o ensino é mecânico e a escrita é escolarizada, ou seja, tudo atende ao aparelho ideológico de uma classe dominante (escola), para assim fazer valer o lema do liberalismo “Laissez Fare, Laissez Passer, Lê Monde va de luimême” – Deixe fazer, deixe passar, o mundo anda por si mesmo.

Jamais tive essa clareza antes de entrar na universidade, coisas que não podiam ser explicadas, não se sabia por que tinham que ser feitas – era o Neoliberalismo agindo em nossas vidas. Na década de 80, explode uma corrente ideológica, o Neoliberalismo, exatamente na época em que entro na escola.

Hoje vejo o quanto fomos e somos vistos pelo sistema como massa de manobra, pois algumas das palavras de ordem neoliberal são fragmentação e conhecimento compartimentalizado, ou seja, o ensino é visto por partes, não como o todo, e o triste é ver que essa prática se refletindo na escola, quando se ensinam sílabas soltas e não o texto, como “uma unidade lingüística concreta, que é tomada pelos usuários da língua em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão.” (Luiz C. Travaglia – INGEDORE G.V. KOCH)

Ao relatar o trecho acima, estabeleço talvez, relações entre s aulas de Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa e Política Educacional/ Reformas

Educacionais, e a partir dessa relação, é possível ver que tudo começa a fazer sentido, desde o primeiro ao sexto semestre do curso de Pedagogia, desde o dia em que nascemos, até o dia em que passamos a ter um olhar mais profundo e crítico sobre a realidade, sobre a sociedade em que vivemos.

Se partirmos do pressuposto que o texto é o único lugar onde se pode trabalhar cognitivamente, logo trabalhamos a prática de analisar, refletir, modificar e transformar. E é essa a nossa grande meta na escola: formar crianças produtoras de texto e leitoras competentes para assim começar a desestabilizar a estrutura, ou seja, torná-las capazes de compreender e modificar o contexto ao qual estão inseridas.

A única maneira que eu vejo de nos desprendermos de todo e qualquer resquício de inquietação e angústia, é estudarmos e lermos muito, e foi exatamente isso que aprendi na Unicamp: ler, compreender e refletir muito sobre todas as minhas ações acerca do meu trabalho e da minha vida pessoal. Sem esse exercício que desperta o conhecimento, não é possível amadurecer, crescer, aperfeiçoar e transformar.

Olhando pela lente do curso de formação (Pedagogia – Proesf), e estando hoje redigindo um memorial, posso dizer que essa experiência contribuiu e muito para o meu crescimento pessoal e profissional.

As disciplinas conduzidas pelas assistentes pedagógicas foram muito úteis no processo, indispensáveis, porém algumas mais bem absorvidas do que outras, talvez pela forma como foram ministradas.

Outro paralelo que gostaria de destacar aqui, diz respeito às disciplinas de Multiculturalismo, Pesquisa Educacional e, Currículo e Escola.

Ao retomar os textos, leituras e anotações dessas disciplinas, pude perceber o quanto se complementam, ao tratarem do assunto CURRÍCULO.

No livro de Tomaz Tadeu da Silva, Documentos de Identidade – Uma introdução às teorias do currículo, é possível perceber a questão da identidade na formação do indivíduo como sendo parte da sociedade.

O currículo, por sua vez, surge do reflexo da realidade, porém ele almeja do ponto de vista neoliberal, mesmo através da diversidade cultural, garantir o consenso e assim, obter hegemonia.

Contudo, é possível começar a olhar o contexto de realidade escolar sobre currículo, de um outro ângulo, muito mais questionador, muito mais politizado, e mais direcionado à inclusão de indivíduos marginalizados pela sociedade.

Para que isso aconteça, efetivamente, segundo o multiculturalismo, é preciso que ocorra uma modificação real e considerável no currículo já existente.

A separação entre a “alta cultura” (sujeito racional) e a “baixa cultura” (sujeito inovador), não pode ocorrer, uma vez que na escola existe a diversidade cultural e que o poder se concentra nas mãos da classe dominante, preconceituosa e seletista, mas que precisa ser transformado e o conhecimento, compartilhado.

A questão do currículo, não pode ser vista do ponto de vista do senso comum, (já que “a educação precisa ser guiada a nível de consciência filosófica saindo do senso comum para o bom senso” - Saviani) sob um olhar passivo, ingênuo e superficial, mas sim sob um olhar que investiga, que indaga, que desafia, já que o processo da dialética movimenta um eterno ir e vir em nossas vidas, e a verdade, por sua vez, está implícita nesse processo, pois não existe uma verdade absoluta

que, senão, segundo Zaia Brandão, “não há espaço para uma investigação científica”, e não havendo a pesquisa, não há o professor pesquisador, não há transformação, não há mudança no currículo, que, de acordo com Stenhouse, este, exige do professor, conhecimento, sensibilidade, e dedicação para modificar a prática à luz da reflexão.

Questões na escola como a avaliação, a formação do professor, o planejamento e a grade curricular, muito me remetem ao curso de formação, pois são assuntos que exigem muita discussão e reflexão.

Na nossa prática pedagógica, a avaliação não tem intencionalidade educativa, pois ela simplesmente testa, seleciona e exclui, já que toda avaliação é pautada no liberalismo (individualismo), e o próprio sistema “culpa” o indivíduo do seu mau desempenho, da sua não-permanência na escola.

Em umas das aulas do curso de formação na disciplina de Avaliação, pude perceber a presença do neologismo na questão do currículo: antes, se falava em “disciplina”, agora, é “disposição para cooperar”.

Durkheim nos faz lembrar a todo o momento da ordem e da disciplina, em como nossas escolas ainda pregam o discurso durkheimiano: fila, silêncio, ordem na escola.

Acredito que a questão disciplinar está além desse discurso: é preciso problematizar, mostrar para o aluno o que considera bom ou ruim, fazê-lo indagar e refletir sobre suas atitudes, suas ações para que possa internalizar coisas significativas e de valor para si e para a sociedade.

Se a escola ainda mantém certos padrões, há que se buscar nos próprios alunos, na vivência com eles e na formação do professor suas potencialidades e habilidades para transformar o ensino em algo significativo e assim, promover um currículo da diversidade cultural, que se estenda aos mais diversos níveis sociais e culturais.

O PROFESSOR

Outro assunto muito polêmico na escola é a formação do professor. A prática profissional não é algo que funciona isoladamente, sem a teoria não é possível formar qualquer educador.

Quanta resistência há na escola, por conta da leitura dos textos de formação em HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo). Há pouca disposição para esta atividade. O professor ainda não internalizou a necessidade de se ter a teoria para se trabalhar bem, o embasamento teórico ainda não faz parte do seu cotidiano na prática escolar. Há muito que se trabalhar neste sentido, não podemos permitir mais que a escola sobreviva às custas de práticas sem fundamentos, prática por prática.

O intelecto do professor ficou banalizado, esquecido, por conta das práticas mirabolantes e consideradas estratégicas no dia-a-dia da escola; e esta identidade profissional está sendo esquecida, por causa dos problemas sociais encontrados na escola.

Há que se pensar que a escola não vai resolver problemas de ordem econômica, porque ela não cria empregos, o que ela faz, é disciplinar o trabalhador para a indústria, moldá-lo, pois o sistema capitalista quer que o indivíduo se adeque aos padrões e quer que a escola compartimentalize o ensino, promova o conhecimento fragmentado, para que o poder continue sempre nas mãos da classe dominante, pois infelizmente, o capitalismo formata a escolarização.

Nos livros didáticos o que se vê é a história escrita por vencedores, heróis: é mais conveniente apresentar a história vista do lado bom, e não o que de fato é, e assim, domesticar a humanidade a serviço dos poderosos.

Se a escola prega a ordem, logo ele busca o controle, e os próprios pais almejam uma escola não só de qualidade de ensino, mas que seja organizada e que consiga controlar, disciplinar os alunos.

Ao me remeter às lembranças e registros feitos das aulas de Pensamento Sociológico e Educação, vejo-me diante do seguinte questionamento: Qual o verdadeiro papel da Sociologia da Educação, pois apesar de ter um caráter crítico, uma postura de esquerda, e não se adequar ao regime autoritário, em função da ideologia dominante, não rompe com o sistema e sim comunga com ele, apesar de esse não ser o ponto de vista de Christian Baudelot (Marxista, estruturalista) no seu texto: A Sociologia da Educação: Para quê? (cap. III). Assim sendo, esta é uma estrutura que serve ao neoliberalismo, onde se pretende aumentar os anos de escolaridade para atrasar jovens no mercado de trabalho.

Segundo Baudelot, “para que a Sociologia da Educação seja útil nas escolas normais, é necessário que o conhecimento venha da prática e da reflexão teórica sobre esta prática”, ou seja, teoria, prática e reflexão, resultam conhecimento sobre o sistema escolar e a própria prática pedagógica.

Hoje, após muitas leituras e discussões dentro da universidade, pego-me pensando em como é possível sobreviver sem a companhia da teoria, do estudo.

Como pode um professor que não gosta de ler e de escrever, que não sente prazer em desvendar os sentidos de um texto, tornar seus alunos pessoas que

gostem de ler e escrever? Se o professor é leitor e escritor o que na sua trajetória favoreceu esse gosto? Que relação os professores têm com a linguagem? O que contam, lêem, escrevem? Como se construiu essa relação com a escrita ao longo de suas histórias de vida? De que maneira esta experiência influencia o trabalho de professores? Este texto é parte do relatório final *Cultura, modernidade e linguagem: o que narram, lêem e escrevem os professores* (Projeto integrado de pesquisa CNPq/ UERJ, julho de 1995).

A UNIVERSIDADE

Confesso que a leitura nunca foi o meu forte, mas acredito também que cada pessoa desenvolve este hábito, à medida que busca e sente prazer em ler.

Sem a teoria, não é possível realizar uma prática suficientemente pautada em fatos e concepções que levem a um exercício de reflexão e auto – avaliação.

Diria que após buscar respostas para minhas indagações mais profundas, como por exemplo, fazer o registro das minhas memórias, sinto que tudo torna-se mais claro quando se esta buscando encontrar nas leituras que fazemos das teorias pertinentes à nossa prática e o início desta prática, se deu dentro da universidade, à medida que a leitura singular, deu lugar à uma nova leitura, muito mais crítica e reflexiva.

Cada semestre do curso tomava um novo sentido, um novo significado, proporcionando-nos novos movimentos, novas descobertas e um novo olhar.

Com a leitura do texto de reflexão “Os sons da floresta”, na aula de Teoria Pedagógica e Produção em Matemática (março/ 2003 – anexo 1), pude perceber que, muitas são as vezes que não ouvimos o inaudível e isso significa, ao meu ver, que devido à correria cotidiana, aos tantos afazeres aos quais estamos comprometidos, que não somos capazes de perceber as coisas, os sentimentos mais sensíveis.

A realidade escolar é bastante heterogênea, complexa e nossos alunos muito carentes.

Nós educadores precisamos estar atentos e sensíveis àquelas indagações mais profundas dos nossos alunos e do nosso próprio eu, para compreendermos e

“ouvirmos” a voz do nosso coração e assim, chegar a compreensão daquilo que as crianças realmente pensam e sentem quando estão na escola, inseridas no processo educativo.

Esse é o vínculo que precisamos estabelecer com os educandos para que numa relação de companheiros, porém em lados diferentes, possamos fazer da nossa prática algo que realmente faça valer a pena de estar na escola, e assim, transformar o convívio em momentos de alegria e aprendizado, pois, *“Professor bom não é aquele que dá uma aula perfeita explicando a matéria. Professor bom é aquele que transforma a matéria em brinquedo e seduz o aluno a brincar” (Rubem Alves).*

Assim, educando o olhar da observação, penso ser necessário fazer uso do texto de Madalena Freira Weffort – *Aprendizagem do Olhar*, utilizado na aula de Pesquisa Educacional, para explicar que hoje, consigo enxergar a realidade com outros olhos, através de um olhar mais apurado e questionador.

Aprendizagem do olhar

Madalena Freira Weffort

Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nos mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nos paralisia, fatalismo, cegueira.

Para romper esse modelo autoritário, a observação e a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante.

Olhar que envolve ATENÇÃO e PRESENÇA. Atenção que segundo “Simone Weil” é a mais alta forma de generosidade. Atenção que envolve sintonia consigo mesmo, com o grupo. Concentração do olhar inclui escuta de silêncios e ruídos na comunicação.

O ver e o escutar fazem parte do processo da construção desse olhar. Também não fomos educados para a escuta. Em geral não ouvimos o que o outro fala: mas sim o que gostaríamos de ouvir. Neste sentido imaginamos o que o outro estaria falando... Não partimos de sua fala; mas de nossa fala interna. Reproduzimos desse modo o monólogo que nos ensinaram.

O mesmo acontece em relação ao nosso olhar estereotipado, parado, querendo ver só o que nos agrada, o que sabemos, também reproduzindo um olhar de monólogo. Um olhar e uma escuta desintonizada, alienada da realidade do grupo. Buscando ver e escutar não o grupo (ou o educando) real, mas o que temos na nossa imaginação, fantasia – a criança do livro, o grupo idealizado.

Ver e Ouvir demanda implicação, entrega ao outro.

Estar aberto para vê-lo e/ou ouvi-lo como é, no que diz, partindo de suas hipóteses, de seu pensar. É buscar a sintonia com o ritmo do outro, do grupo, adequando em harmonia ao nosso.

Para tanto, também necessitamos estar concentrados com nosso ritmo interno. A ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história.

Só podemos olhar o outro e sua história se temos conosco mesmo uma abertura de aprendiz que se observa (se estuda) em sua própria história.

Neste sentido a ação de olhar é um ato de estudar a si próprio, a realidade, o grupo à luz da teoria que nos inspira. Pois sempre “só vejo o que sei” (Jean Piaget). Na ação de se perguntar sobre o que vemos é que rompemos com as insuficiências desse saber, e assim, podemos voltar à teoria para ampliar nosso pensamento e nosso olhar.

Este aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Neste sentido o olhar e a escuta envolve uma **AÇÃO** altamente **movimentada, reflexiva, estudiosa**.

Neste processo de aprendizagem venho constatando alguns movimentos na sua construção:

- **O movimento de concentração para a escuta do próprio ritmo**, aquecimento do próprio olhar e registro da pauta para a observação. O que se quer observar que hipóteses se querem checar, o que se intui que não se vê não se entende, não se sabe qual o significado, etc;
- **O movimento que se dá no registro das observações**, seguindo o que cada um se propôs na pauta planejada. Onde o desafio está em sair de si para colher os dados da realidade significativa e não da idealizada;
- **O movimento de trazer para dentro de si a realidade observada**, registrada, para assim poder pensá-la, interpretá-la. É enquanto reflito sobre o que vi que a ação de estudar extrapola o patamar anterior. Neste movimento podemos nos dar conta do eu ainda não sabemos, pois iremos nos defrontar com nossas hipóteses adequadas e inadequadas e construir um planejamento do que falta observar, compreender, estudar.

Este planejamento aponta para dois movimentos:

Um que vai lidar com a construção da nossa pauta de observação segundo os movimentos já mencionados para sua construção. Ou seja, a observação avalia, diagnostica, a zona real do conhecimento para poder, significativamente, lançar (casando conteúdos da matéria com conteúdos do sujeito, da realidade) os desafios da zona proximal do conhecimento a ser explorado.

Outro que concentra-se na devolução (sair de si, outra vez...) para construção de propostas de atividades (enraizadas nas observações feitas para o grupo onde novos desafios irão ser trabalhados).

Podemos concluir, portanto, que o ato de observar envolve todos os outros instrumentos: a reflexão, a avaliação e o planejamento; pois todos se inter cruzam no processo dialético de pensar e realidade.

Escrever um memorial de formação, foi um enorme desafio que, em um primeiro momento fez com que pensasse em como começá-lo a partir de quais registros e informações. Eis que me deparo com o depoimento de Vânia Christina Menezes, aluna do curso de pedagogia inserido na Faculdade de Educação da UERJ, uma das universidades públicas do Rio de Janeiro, e faço das suas idéias as minhas também, em relação à tensão que provocou na nossa turma, o fato de termos que redigir nossas memórias.

A professora Sonia Kramer, responsável pela disciplina, propôs uma avaliação que causou forte impacto nos alunos. Na proposta, o aluno deveria fazer algo que fugia totalmente a seu cotidiano acadêmico: escrever sobre si mesmo. Habitados à produção de trabalhos técnicos e frios, onde havia determinada ordem implícita de não escrever na primeira pessoa, a realização de um trabalho com esta natureza nos pegou de surpresa. A disciplina girava em torno da alfabetização; no entanto, Sonia sugeriu que mudássemos o enfoque de estudo: em vez de nossos futuros alunos de pré-escola, nós mesmos seríamos os atores principais, atores de nossa relação com a leitura e a escrita.

Passado o choque inicial, começamos a nos organizar, surgiram as conversas em grupos, onde através das trocas todos tentavam iniciar a escrita de seu trabalho. Esta etapa não foi nada fácil! Não falo como espectadora, mas sim como protagonista de todo o processo, pois era também aluna da disciplina.

Enquanto falávamos sobre o trabalho, começamos a refletir que nunca havíamos enfrentado tantos problemas para a produção de um texto com fins avaliativos. Muitos diziam que ao falarmos de nós mesmos correríamos o risco de cair na armadilha do “espontaneísmo” ou “achismo”. Eis o cerne da questão, o lugar do temor e dificuldade. A escola que freqüentamos, que durante muito tempo enfatizou o conteúdo curricular e desprezou a história de vida do aluno, lhe roubou o prazer de ler e escrever. À universidade cabe o esforço desta prática educativa, criando termos (achismo, espontaneísmo) que

justificasse sua sede por textos acadêmicos, sustentados apenas por pressupostos teóricos. Após a sistematização de idéias, o que percebemos é que nosso congelamento em relação à escrita estava diretamente interligado com nossa própria vida de estudantes. Estes aspectos, tal qual a lei da causa e efeito, cresciam como uma bola de neve, até que o curso freou e nós, acostumados ao seu balanço, nos sobressaltamos com sua freada brusca.

Encontrada a raiz do problema, o que fazer para superá-la?

Qual o primeiro passo a dar?

Muitas foram as dúvidas e angústias, e a medida que comecei a registrar, pensamentos começaram a aflorar, uma pesquisa incessante fez-me mover em busca de trazer à tona, memórias, discussões e fatos do curso de formação e simultaneamente da minha prática pedagógica.

Acredito que a visão singular e restrita que eu tinha da realidade na escola, deu lugar a novas manifestações e interpretações; como se o todo pudesse estar se refletindo agora na minha vida e profissão, de modo a suscitar novas significações e uma compreensão mais apurada e crítica das pessoas, dos estudos, da importância da formação, não mais formatada em fragmentos sem sentido, e sim acerca de um contexto significativo e mais problematizador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o memorial é um retrato crítico do percurso de vida e de formação acadêmica, acredito que esta experiência, além de ter sido válida, foi emocionante, a qual mobilizou não só a mim, mas também pessoas e pensamentos em busca de um novo sentido para a vida.

À medida que se pretendia rememorar e registrar, fatos e descobertas surgiam, no sentido de aprimorar e enriquecer conhecimentos, como foi o caso da leitura do livro de Tomaz Tadeu da Silva - “Documentos de Identidade”, a qual foi preciso retomar devido à minha prática na coordenação pedagógica, simultaneamente com os estudos que venho desenvolvendo junto à assessoria do Espaço Pedagógico.

Por essas e outras, urge a necessidade de se buscar o inusitado para promover mudanças, porque senão, corremos o risco de ser absorvidos pelo padrão, ou seja, apenas “decoramos” o trabalho pedagógico e não provocamos a transformação necessária.

Assim, tornamo-nos pesquisadores de nossa própria prática, avaliando-nos a todo o momento, sobretudo nos auto-regulando para garantir o controle, procurando interpretar a realidade de uma maneira diferenciada e dinâmica, buscando sustentação nas teorias e leituras, a fim de que elas venham nos ajudar a tentar transpor as barreiras cotidianas, formando e informando a nós professores para que cada vez mais saibamos problematizar e contextualizar os desafios que encontramos em nosso dia-a-dia, enquanto sujeitos do processo ensino-aprendizagem.

Foi devido ao curso de formação e à minha prática na escola, que, sem demagogia, pude adquirir um outro olhar, que busca a continuação da minha

formação enquanto ser humano e profissional, porém este trabalho requer ações efetivas e não simplesmente que fique restrito ao discurso.

Contudo, assim como Zaia Brandão, penso que o retorno permanente à tradição nunca é um retorno ao mesmo lugar, mas tem o sentido de uma espiral que permite retomar temas, referências...em um novo patamar que, ao mesmo tempo, incorpora e tende a superar os momentos que o antecederam.

Que esta experiência de escrever um memorial, permaneça durante muito tempo em nossas memórias, para que possamos lembrar de como os momentos e as fases da vida, precisam ser vividos intensamente, de forma a nos propiciar conhecimento e eternas lembranças.

ANEXO

Texto para Reflexão

Os Sons da Floresta

Um rei mandou seu filho estudar no templo de um grande mestre com o objetivo de prepará-lo para ser uma grande pessoa. Quando o príncipe chegou ao templo, o mestre o mandou sozinho para uma floresta. Ele deveria voltar um ano depois, com a tarefa de descrever todos os sons da floresta.

Quando o príncipe retornou ao templo, após um ano, o mestre lhe pediu para descrever todos os sons que conseguira ouvir. Então disse o príncipe: “Mestre, pude ouvir o canto dos pássaros, o barulho das folhas, o alvoroço dos beija-flores, a brisa batendo na grama, o zumbido das abelhas, o barulho do vento cortando os céus...”.

E ao terminar o seu relato, o mestre pediu que o príncipe retornasse a floresta, para ouvir tudo o mais que fosse possível. Apesar de intrigado, o príncipe obedeceu à ordem do mestre, pensando: “Não entendo. Eu já distingi todos os sons da floresta...”. Por dias e noites ficou sozinho ouvindo, ouvindo, ouvindo... mas não conseguiu distinguir nada de novo além daquilo que havia dito ao mestre. Porém, certa manhã, começou a distinguir sons vagos, diferentes de tudo que ouvira antes.

E quanto mais prestava atenção, mais claros os sons se tornavam. Uma sensação de encantamento tomou conta do rapaz. Pensou: “Esses devem ser os sons que o mestre queria que eu ouvisse...”. E sem pressa, ficou ali ouvindo e ouvindo, pacientemente. Queria ter certeza de que estava no caminho certo.

Quando retornou ao templo, o mestre lhe perguntou o que mais conseguira ouvir. Paciente e respeitosamente o príncipe disse: “Mestre, quando prestei atenção pude ouvir o inaudível som das flores se abrindo, o som do sol nascendo e aquecendo a terra e da grama bebendo o orvalho da noite...”.

O mestre sorrindo, acenou com a cabeça em sinal de aprovação, e disse: “Ouvir o inaudível é ter a calma necessária para se tornar uma grande pessoa. Apenas quando se aprende a ouvir o coração das pessoas, seus sentimentos mudos, seus medos não confessados e suas queixas silenciosas, uma pessoa pode inspirar confiança ao seu redor; entender o que está errado e atender as reais necessidades de cada um”.

A morte de uma relação começa quando as pessoas ouvem apenas as palavras pronunciadas pela boca, sem se atentarem no que vai no interior das pessoas para ouvir os seus sentimentos, desejos e opiniões reais. É preciso, portanto, ouvir o lado inaudível das coisas, o lado não mensurado, mas que tem o seu valor, pois é o lado mais importante do ser humano...

Autor desconhecido

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe."Prefácio". In: Ariès, Philippe. **A história social da criança**.RJ: LCT, 1991, p.9-27.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado-O mito do amor materno**.Ed. Nova Fronteira, 1985, RJ.

BENJAMIM, Walter. **A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BRANDÃO, Zaia. **A teoria como hipótese**. Teoria & Educação, 1992.5.

CARDOSO, Sérgio. **O olhar viajante** (do etnólogo).

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**, São Paulo, Melhoramentos, 1978.

MIZUKAMI, Maria da Graça N. Ensino: **As abordagens do processo**. Temas Básicos de Educação e Ensino São Paulo: EPU, 1986.

SAVIANI, Demerval. **Do senso comum à consciência filosófica**. SP: Cortez/ Autores Associados, 1997. Cap.1.

SILVA, Sônia Aparecida Ignácio.**Valores em Educação-O problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa**. 2ª edição.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade-Uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. 3ª reimpressão, Autêntica, BH, 2001.

WEFFORT, Madalena F. **Observação, registro, reflexão**, instrumentos metodológicos I, Espaço Pedagógico, segunda edição, set. / 1996, série seminários.